

O Fenômeno da Realidade Paralela e o Universo da Ilusão

The Phenomenon of Parallel Reality and the Universe of Illusion

Cláudia Amorim Garcia*

Resumo

Partindo da concepção de indivíduo insuficiente (EHRENBERG, 1998), o trabalho sugere que indignação, ressentimento, inveja, frustração e sentimentos de exclusão estão fortemente presentes em grande parcela da população brasileira e os tornam susceptíveis a um discurso extremista e a aderir à realidade paralela em busca de um espaço vital que, diferentemente da realidade compartilhada, lhes acene com a realização de seus desejos, num contexto homogêneo, sem arestas, do qual o conflito, a diferença e a frustração estão ausentes, isto é, o Universo da Ilusão. Apresenta, então, a concepção de Ilusão em psicanálise partindo de Freud que considera o componente realização de desejo central na Ilusão, mas também discute o conflito entre a busca da plenitude narcísica e o desamparo, presentes na Ilusão, do qual tanto a neurose quanto a cultura se originam. Em seguida apresenta a posição de Chasseguet-Smirgel que se aprofundou no estudo da busca avassaladora de alcançar um estado ideal de coisas, presente no que denomina de Universo da Ilusão, que anula as diferenças, escamoteia o conflito e desencadeia a agressividade característicos dos sistemas totalitários e também dos grupos extremistas atuantes na sociedade brasileira. E finalmente traz a posição de Winnicott para quem o Espaço da Ilusão é um território intermediário entre o mundo interno e a realidade externa, sustentado por um paradoxo cujo valor reside em ser sustentado como tal, locus por excelência de produção da cultura, um ideal longe de ser usufruído no contexto político social brasileiro onde a cisão e o negacionismo predominam, atualmente.

Palavras-chave: Indivíduo insuficiente. Realidade paralela. Ilusão. Freud. Chasseguet-Smirgel. Winnicott.

Abstract

Starting from the conception of an insufficient individual (EHRENBERG, 1998), the work suggests that indignation, resentment, envy, frustration, feelings of exclusion are strongly present in a large portion of the Brazilian population and make them susceptible to an extremist discourse and to

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professora aposentada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. clauag46@gmail.com

adhere to the parallel reality in search of a vital space that, unlike the shared reality, beckons them with the fulfillment of their desires, in a homogeneous context, without edges, from which conflict, difference and frustration are absent, that is, the Universe of Illusion. It then presents the conception of Illusion in psychoanalysis based on Freud, who considers the wish fulfillment component to be central to Illusion but also discusses the conflict between the search for narcissistic plenitude and helplessness, present in Illusion, of which both neurosis and culture originate. Then it presents the position of Chasseguet-Smirgel who delved deeper into the study of the overwhelming search to achieve an ideal state of things, present in what she calls the Universe of Illusion, which nullifies differences, hides the conflict and unleashes the aggressiveness characteristic of totalitarian systems and also of extremist groups active in Brazilian society. And finally brings Winnicott's position for whom the Space of Illusion is an intermediate territory between the internal world and the external reality, sustained by a paradox whose value lies in being sustained as such, the locus par excellence of cultural production, an ideal far from being enjoyed in the Brazilian social political context where division and denialism currently predominate.

Keywords: *Insufficient individual. Parallel reality. Illusion. Freud. Chasseguet-Smirgel. Winnicott.*

Vizinha insiste em dizer que Lula era dono do Pará inteiro. Digo que não, já vasculharam sua vida e não encontraram nada. Nervosa, batendo com o pé no chão, grita:
Mas eu quero que seja!
Quero que seja!!

A sociedade ocidental contemporânea vem atravessando mudanças normativas extremamente significativas que vêm transformando nossa maneira de viver e nos relacionarmos.

Alain Ehrenberg, em *A fadiga de ser si mesmo* (1998) nos lembra que até meados do século passado, anos 60' o modelo de conduta dominante se caracterizava pela importância concedida a valores normativos tradicionais como disciplina, obediência e sacrifício. Estes ideais de conduta redundaram na construção dos critérios de avaliação permitido/proibido, fundamentados na lei simbólica – coletivamente construída – que orientavam os indivíduos na condução de suas vidas, referências centrais para o indivíduo moderno (EHRENBERG, 1998). A transgressão dessas normas exemplares acarretava mal-estar moral e culpa, expressões subjetivas dramaticamente encenadas na clínica da histeria, no final do século XIX início do século XX.

A partir da segunda metade do séc. XX, e em decorrência de inúmeros fatores de ordem socio-político-cultural, outras condições de subjetivação passaram a vigorar levando à emergência de novas balizas normativas (EHRENBERG, 1998). O modelo disciplinar de conduta foi contraposto a um conjunto de normas que estimulavam a autonomia, a liberdade, a iniciativa e o desempenho individual preconizando o direito da livre escolha e a responsabilização de cada um pela condução de sua vida, a partir de novos critérios de avaliação agora referidos à dualidade possível/impossível, construída a partir da experiência individual de cada um/a. Intensificou-se, assim, o processo de emancipação do indivíduo, agora libertado das amarras morais tradicionais e instigado a se tornar agente de sua própria história na busca de sua felicidade enquanto promessa e direito individual (AUBERT, 2004).

Deparamo-nos, portanto, com uma mudança normativa fundamental na qual ocorre um esmaecimento da divisão entre permitido e proibido, e uma prevalência da polaridade possível/impossível como referência preponderante.

O cumprimento destas novas exigências normativas, no entanto, viu-se gravemente comprometido pela fragilização das referências simbólicas e ins-

titucionais que haviam vigorado na Modernidade (AUBERT, 2004; CASTELL, 1998). Se lei moral e tradição já não eram mais indicativos da melhor forma de se proceder, por outro lado, as instituições sociais – políticas, religiosas e familiares – que haviam balizado o trajeto existencial das gerações antecedentes – foram aos poucos perdendo sua relevância em sociedades cada vez mais individualistas, competitivas e desiguais. Assim se deu a emergência do *indivíduo insuficiente*, na terminologia de Alain Ehrenberg (1998), que carece do suporte necessário para aceder à independência, autonomia e iniciativa exigidas num contexto pouco confiável, em que o laço social assume contornos mais frágeis com o declínio do público e a intensificação da esfera privada, e em que predomina a crença de que tudo é possível. Neste contexto, a falha no cumprimento das exigências normativas é sentida como fracasso individual e resulta em prejuízo narcísico, sentimentos generalizados de insuficiência e exacerbação do desamparo (GARCIA, 2005). Ressentimento, sentimento de exclusão e menos valia dificultam ainda mais a construção de um projeto de vida e a confiança na possibilidade de um futuro promissor.

O conceito de indivíduo insuficiente, de Ehrenberg, nos ajuda a refletir sobre o nosso contexto brasileiro atual mais especificamente no que se refere ao fenômeno da adesão de uma parcela considerável da sociedade brasileira ao universo da realidade paralela. Trata-se de indivíduos que têm sido historicamente desassistidos pelas políticas públicas, excluídos dos benefícios reservados a outras classes sociais, membros de uma classe média média ou média baixa que se sentem injustiçados com a promessa de “divisão do bolo” que não se concretiza, prejudicados com a dificuldade de acesso a uma formação profissional de qualidade, privados, de uma maneira geral, de usufruir de seus direitos enquanto cidadãos/ãos.

Maria Rita Kehl, na sua discussão sobre o ressentimento enquanto fenômeno clínico e sintoma social afirma:

[O ressentimento] é o afeto característicos dos impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para os indivíduos com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre... Os membros de uma classe ou de um segmento social inferiorizado só se ressentem de sua condição se a proposta de igualdade lhes foi antecipada ... de modo que a falta dela seja percebida como ... privação. São os casos em que a igualdade é reconhecida, mas não acontece na prática (KEHL, 2020).

E mais adiante:

É a face imaginária do Outro, à qual se endereçam demandas de amor e reconhecimento, que determina que o ressentido se re-presente não como faltante, mas como prejudicado.

Estudioso das questões político-ideológicas dominantes no contexto da sociedade brasileira atual, João Cezar Castro Rocha vem se dedicando, nos últimos anos a pesquisar a formação do que identifica como um projeto totalitário de extrema direita em formação no Brasil, tema que discute detalhadamente no seu livro *Guerra cultural e retórica do ódio* de 2021.

Se utiliza, então, do que denomina de etnografia textual para decifrar a lógica interna do sistema de crenças presente nos grupos extremistas, identificando narrativas quase paranoides (*sic*) que negam situações da realidade que incomodam, colidindo até mesmo com crenças já internalizadas

Numa entrevista recente a Berta Makaaroun (Estado de Minas, 10/11/1922) que tem como título Castro Rocha: “Brasil é laboratório de criação de realidade paralela” ele aponta o papel central do que denomina de midiosfera extremista, na divulgação de informação falsa e teorias conspiratórias que constituem o universo da realidade paralela. Pessoas que frequentam este contexto fazem o pacto de não consultar outras fontes de informação, criando um mundo próprio. “Vivem na ilusão”, diz Castro Rocha, “numa dimensão paralela” onde predomina um conjunto de crenças inabaláveis. Aqui, diz ele, não estamos no plano do erro, mas no plano da ilusão. Referindo-se a Freud, ele afirma: “Trata-se da projeção de um desejo ... de que as teorias conspiratórias e *fake news* que circulam na midiosfera e que são confirmadas, por exemplo, pela Rádio Jovem Pan, sejam verdade”.

Minha suposição é de que indignação, ressentimento, inveja, frustração, sentimentos de exclusão e também o desejo de pertencimento a outros grupos, outras realidades, estão fortemente presentes em grande parte de indivíduos que compõem a população brasileira e os torna suscetíveis a um discurso extremista e a aderir à realidade paralela em busca de um espaço vital que, diferentemente da realidade compartilhada, lhes acena com a realização de seus desejos, num contexto homogêneo, sem arestas, do qual o conflito, a diferença e a frustração estão ausentes, isto é, o universo da Ilusão, sobre o qual a psicanálise tem tanto a dizer.

O conceito psicanalítico de ilusão não diz respeito à definição sobre a verdade ou a falsidade de um enunciado, mas à sua potencialidade psíquica, isto é, sua capacidade de causação psíquica. Subverte sua aceção corriqueira atribuindo uma conotação positiva ao conceito, que passa, então, a ser entendido

como a expressão legítima de uma realidade incontestável – a realidade psíquica. A virada conceitual que culmina com a subversão do conceito de ilusão em psicanálise tem sua origem em Freud, mas resultou em vários desdobramentos na produção psicanalítica pós-freudiana.

Ilusão e realização de desejo

Em Freud o conceito de ilusão (1920/1976, 1921/1976, 1927/1974, 1933/1976) é marcado pelo componente realização de desejo, mencionado toda vez que o tema é discutido o que justifica sugerir que a problemática da ilusão já estava, de alguma maneira presente, na *A interpretação dos sonhos*, de 1900. Em 1908, no texto sobre os escritores criativos, Freud afirma que a fantasia do adulto é o substituto do brincar infantil, e dela o escritor criativo se utiliza na construção de uma obra literária, possibilitando ao leitor o acesso a satisfações proibidas que as fantasias representam. A linha de continuidade entre o brincar das crianças e as fantasias dos adultos consistiria na realização de desejos que ambos representam.

Em 1914, na *Introdução ao narcisismo* o tema da satisfação de desejo é retomado no bojo da discussão sobre a formação do ideal, representante da tentativa de recuperação do narcisismo perdido da infância quando o eu era seu próprio ideal (FREUD, 1914/1974, p. 111). O ideal do eu apontaria para o desejo de reencontro com a experiência mítica de completude e perfeição própria do narcisismo primário, mas também se constituiria numa defesa contra o reconhecimento do desamparo e da dependência que ameaçariam este estado de coisas. O componente defensivo, que é então introduzido, passa, daí em diante, a ocupar lugar central na noção de ilusão, que aparece pela primeira vez em 1920, no *Além do princípio do prazer*, quando Freud se refere, então, explicitamente, a uma ilusão benévola (p. 60) representada pelo desejo persistente entre os humanos de acreditar numa pulsão para a perfeição, que os protegeria do duplo reconhecimento de que a vida é um curto intervalo no caminho para a morte e da existência da pulsão de morte. Neste sentido, ilusão em 1920 representa principalmente a tentativa de negar a ordem pulsional, e aponta para um estado de coisas livre do conflito e da agressividade, anunciando a discussão de 1921 em *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

Realização de desejo e proteção é componente que se articula na elaboração da noção de ilusão em 1921 peça importante na discussão sobre o funcionamento de grupos nos quais prevalece tanto a tentativa de preservação do princípio do prazer quanto a crença no amor do líder. Os indivíduos no grupo compartilham

do sentimento de onipotência, e funcionam dentro de um registro marcadamente narcísico e, portanto, hostil à constituição de vínculos grupais. É a crença ilusória no amor do chefe, agora no lugar de ideal do eu, que vem cumprir a função de proteção contra a hostilidade inerente ao narcisismo, possibilitando a formação do grupo através das identificações verticais dos membros do grupo com o líder, e horizontais, entre eles, ambas sustentadas pela ilusão de serem amados pelo líder. Ilusão, portanto, na origem do laço social.

A tendência a considerar a ilusão como uma defesa contra o reconhecimento do caráter efêmero e transitório da vida humana, assim como o solo do qual se originam as formações culturais, constitui o centro da discussão em *Futuro de uma ilusão*, de 1927, texto no qual Freud discute o acervo psíquico da civilização: os ideais, a arte e a religião. Enquanto os ideais representam a preservação das mais sublimes aquisições humanas, a criação artística e, mais especificamente, a religião, são consideradas como artefatos compensatórios que protegem os humanos do desamparo, reconciliando-os com os sacrifícios que a civilização exige. A persistência das crenças religiosas, apesar de seu caráter irracional e da fé incondicional que demandam, é prova evidente, para Freud, de que a religião se sustenta na ilusão.

Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro, nem tampouco um erro. O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. (...) Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim, procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação (FREUD, 1927/1974, p. 43).

O componente realização de desejo, já presente em 1908, é explicitamente considerado o núcleo da ilusão em 1927, e a religião entendida como a ilusão prototípica no sentido de que se deriva do desejo humano de proteção e responde ao anseio pelo pai, resquício da experiência primária de desamparo. Neste sentido, a religião e os ideais ambos pertencem ao universo da Ilusão, na medida em que são manifestações da tentativa de preservar um estado de coisas narcísico, ao mesmo tempo em que compensam os limites impostos pelo princípio da realidade.

Vai nesta mesma direção a concepção de ilusão que aparece nas *Novas conferências introdutórias*, de 1932, onde o conceito é mencionado em relação ao desejo de acreditar que a bondade constitui o âmago do humano.

Infelizmente o que a História nos conta e o que nós mesmos temos experimentado não fala nesse sentido, mas, antes, justifica a conclusão de que a crença na bondade da natureza humana é uma dessas perniciosas ilusões com as quais a humanidade espera seja sua vida embelezada e facilitada, enquanto, na realidade, só causam prejuízo (FREUD, 1933/1976, p. 130)

Em Freud, portanto, o conceito de ilusão expressa o desejo de negar o desamparo, a ordem pulsional e o conflito assim como a tentativa de preservação do princípio do prazer e da completude narcísica. Ilusão representa uma proteção contra as imposições do princípio da realidade e o reconhecimento da castração e, neste sentido, pode ser entendida como um elemento defensivo e alienante no movimento de constituição subjetiva. Mas é justamente o antagonismo entre o desejo de preservação de um estado ideal de coisas e sua impossibilidade de realização que resulta no caráter potencialmente produtivo da ilusão como origem do laço social e das formações culturais que, em última análise, protegem do desamparo o que, mais uma vez, atesta o caráter dialético da teoria freudiana.

O universo da ilusão e o estado ideal de coisas

Chasseguet-Smirgel (1971/1984, 1975/1985, 1976, 1986) também considera que Ilusão (sempre soletrada com maiúscula) é o universo da realização de desejo e nenhum valor atribui à realidade externa na sua discussão sobre o tema.

Ilusão e ideal do eu são conceitos estreitamente articulados na discussão de Chasseguet-Smirgel. Assim, Ilusão é a expressão do desejo de retorno mítico à situação inicial de fusão com a mãe, anterior ao desamparo, cuja dissolução resultaria na constituição do ideal do eu, representante, portanto, do desejo regressivo de fusão. Então, Ilusão é a busca compulsiva de um estado ideal de coisas que se apresenta numa tendência avassaladora de anulação das diferenças e negação do conflito, frequentemente presente na perversão e nos grupos ideológicos (sic).

Compartilhando com Ferenczi a tese de um estado primário de fusão com o objeto materno Chasseguet-Smirgel afirma: "O Homem está continuamente buscando o tempo em que era seu próprio ideal – um tempo que coincide com a fusão primária com a mãe" (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1976, p. 345, tradução nossa).

O ideal apontaria para a tentativa de recuperação do estado narcísico primário que, em última análise, Chasseguet-Smirgel entende como estando presente no desejo de retornar ao útero materno, *locus* privilegiado do narcisismo. A busca de realização do ideal é aquilo que move o humano na sua trajetória subjetiva. Diz ela: “O desejo de retorno ao útero materno é o mais fundamental desejo humano (...) nós somos pressionados para frente por um sentimento de nostalgia de um passado maravilhoso (um tempo em que éramos nosso próprio ideal)” (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1975/1985, p. 27, tradução nossa).

A ordem da Ilusão quando passa a dominar a realidade psíquica interfere na atividade simbólica e sublimatória na medida em que anula as diferenças, neutraliza os conflitos e desencadeia a agressividade presente na pulsão de morte. Neste sentido, é fundamental a manutenção do intervalo entre o eu e seu ideal, fator crucial na preservação da continuidade psíquica (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1975/1985).

Em Chasseguet-Smirgel, o universo materno é, por excelência, o *locus* da Ilusão. O ideal, como substituto do narcisismo perdido com a experiência do desamparo, é projetado na mãe cuja função principal passa a ser garantir a preservação do ideal assim como sua projeção em modelos cada vez mais complexos, até que haja a possibilidade de projeção do ideal no pai edípico. A figura da mãe é central na trajetória de constituição psíquica, sendo, ao mesmo tempo, o objeto da fusão e aquela que faz a mediação no sentido da separação.

No seu estudo sobre a Ilusão Chasseguet-Smirgel privilegia a discussão em torno de sua função alienante na constituição subjetiva, principalmente no que se refere à formação das instâncias ideais, mas também à perversão, à sua presença no imaginário social, na construção dos regimes autoritários, nos grupos ideológicos (*sic*) e na utopia.

A perversão e os grupos ideológicos (*sic*) que possibilitam a revivência da Ilusão e, portanto, expressam o desejo de negar o desamparo e de excluir o reconhecimento do conflito e da castração, através do desejo regressivo de fusão, foram exaustivamente analisados por Chasseguet-Smirgel. Neles há uma tendência a negar o universo do pai edípico e a preservar a ordem da Ilusão. Da mesma forma com que a mãe do perverso lhe acena com a possibilidade de plenitude narcísica, fazendo-o acreditar que ele pode ser seu parceiro, o líder ideológico promete o acesso ao universo da Ilusão, domínio da felicidade absoluta e sem arestas.

Assim, nos sistemas autoritários, as interpretações ideológicas da realidade social visam erradicar o desprazer, apagando as diferenças e negando o conflito e a castração, e expressam o desejo de atingir um estado ideal de coisas,

representado pela fusão primária com a mãe o que dificulta a mudança e exacerba hostilidade no contexto político-social. Portanto, com o ímpeto que, nos grupos ideológicos, os indivíduos negam as diferenças internas e escamoteiam o conflito, eles se tornam intransigentes e violentos com aqueles que deles divergem. Na descrição das manifestações da Ilusão nos grupos totalitários Chasseguet-Smirgel se refere, frequentemente, ao que denomina de nivelamento, presente em certas manifestações psíquicas individuais e grupais, uma defesa narcísica que representa a dificuldade de lidar com o outro separado e diferente, o que desencadeia reações que visam aniquilá-lo pelo incômodo que causa. Uma forte tendência ao nivelamento representa, em última instância, o desejo de esvaziar o útero materno de seus conteúdos visando facilitar um possível retorno regressivo.

Na sua análise da Ilusão, Chasseguet-Smirgel se concentra em investigar as consequências patológicas do desejo irrestrito de retorno a um estado mítico de coisas, que estaria representado pela fusão originária com a mãe. Assim, define Ilusão como uma busca avassaladora do retorno a um estado ideal que parece existir por si só, como se uma única tendência estivesse em jogo na Ilusão, o que resulta numa concepção regressiva e totalitária do desejo. Sua análise do papel da Ilusão nos movimentos utópicos é, neste sentido, bem representativa já que apenas o aspecto totalitário da Utopia, na sua concretização, é considerado em detrimento da efetividade contestatória e transformadora presente em muitos projetos utópicos (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1986). A ausência de diferenciação entre Utopia e totalitarismo acaba resultando em interpretações nas quais predomina o caráter regressivo e violento dos movimentos utópicos, sem consideração pelo potencial inovador e criativo que possam representar.

Esta ênfase na discussão dos efeitos deletérios da Ilusão, principalmente nos anos 70, lhe rendeu críticas pelo caráter conservador de sua definição do universo da Ilusão. Mas Chasseguet-Smirgel também trouxe contribuições importantes para o entendimento do conceito de ideal, que considera herdeiro da Ilusão, enfatizando, sempre, a necessidade inquestionável da manutenção do intervalo entre o eu e seu ideal que garante o processo de constituição subjetiva. Esta tarefa inicialmente atribuída à mãe, na década de 80 passou a ser atribuída ao pai, garantidor da preservação do ideal na dinâmica psíquica.

O espaço da ilusão e a criação da cultura

A distinção entre realidade interna e realidade externa é uma tarefa de vida inteira a que se dedicam os humanos, sem muito sucesso. Estamos irremediavelmente condenados à tensão inerente à tentativa de discriminação dentro/fora, situação que se inaugura na relação mãe-bebê e continua pelo resto da vida. A polaridade interno/externo não esgota as possibilidades levantadas pela questão, mas aponta para a necessária postulação de uma terceira área de experiência que deve ser “preservada em qualquer etapa do amadurecimento em qualquer setor da vida” (DIAS, 2003, p. 234) e que, no início, se caracteriza pela onipotência.

É no contexto da discussão sobre a construção recíproca da realidade interna e da realidade externa que Winnicott (1953/1971, 1967/1971, 1968/1971) se refere à ilusão de onipotência como a suposição, por parte do bebê, de que o seio que lhe é apresentado e o cuidado que lhe é dispensado foram por ele concebidos e estão sob seu controle onipotente. Em outras palavras, a mãe suficientemente boa possibilita ao bebê a experiência de onipotência de que ele tem a capacidade de criar a realidade externa que ela lhe oferece e, assim, permite que o seu bebê expresse sua criatividade primária o que permite a criação do objeto subjetivo.

Aos poucos, então, e se tudo correr bem, o objeto subjetivo se constitui na condição de que o ambiente suficientemente bom tenha consistência temporal e garanta uma atmosfera de confiabilidade absolutamente necessária. Neste primeiro momento, a dependência e a onipotência são absolutas, no entanto, na medida em que a desilusão gradualmente começa a ocorrer, o controle onipotente cede lugar, possibilitando que eventualmente, seja alcançada a aquisição da realidade compartilhada através da construção do objeto objetivamente percebido. Novamente, é a presença de uma mãe suficientemente boa percebendo a necessidade de autonomia de seu bebê e, ao mesmo tempo, dele se desidentificando gradativamente, que garante esta transição sempre incompleta.

Se, no primeiro momento de dependência absoluta (WINNICOTT, 1965), a ilusão se apresenta como a superposição seio criado/seio oferecido, aos poucos este espaço superposto dá lugar a uma área transicional (WINNICOTT, 1953/1971) que suaviza o impacto interno/externo e serve à função de repouso criativo. A transicionalidade ocorre no período de dependência relativa e representa o início da dissolução da unidade mãe-bebê, consequente do processo de desilusão já em curso. É também neste período que a realidade externa começa a se introduzir, colocando em questão o controle onipotente do período anterior.

É só a partir de uma boa experiência inicial na área da ilusão de onipotência (DIAS, 2003) que se dá o surgimento desta área intermediária, agora ocupada pelos objetos e fenômenos transicionais que dão corpo à ilusão, e cuja natureza paradoxal não deve ser jamais questionada, isto é, nunca se deve fazer a pergunta crucial: foi criado ou já existia? Para Winnicott (1953/1971), os fenômenos transicionais constituem o primeiro uso da ilusão e representam uma separação que é, ao mesmo tempo, uma união. Entendemos que aí, quando Winnicott fala de ilusão, não mais se refere à experiência de onipotência na área da ilusão (DIAS, 2003) responsável pela criação do objeto subjetivo, mas da ilusão experimentada justamente no momento em que se põe em dúvida a criação onipotente da realidade. Neste momento, a ilusão se faz presente como a primeira experiência de uso de uma possessão não-eu, isto é, de um objeto transicional. Então, a área da ilusão é o espaço intermediário agora ocupado pelo uso do objeto transicional, primeiro símbolo da separação mãe-bebê, que é também uma união e representa a transição da mãe objeto subjetivo para a mãe objetivamente percebida. O símbolo, portanto, na sua positividade como representante da união, só pode se constituir a partir de um movimento de separação que possibilita a representação na condição, desde que haja uma disponibilidade consistente e continuada da mãe e seus cuidados, no mundo externo.

Sobre os destinos do objeto transicional já sabemos: não será esquecido nem recalçado, mas relegado ao limbo, desinvestido, dando lugar ao imenso campo da cultura. Na concepção winnicottiana o espaço potencial, como território privilegiado da criatividade é o *locus* de origem do brincar infantil, da arte, da religião, das formações grupais e da cultura, de forma geral, constituindo-se, portanto, no campo de atuação e construção por excelência do agir humano (WINNICOTT, 1967/1971). Aqui, a superposição se dá entre a tradição e a novidade, a herança cultural e a inovação criativa numa continuidade herdeira daquela primeira entre a mãe e o bebê. O brincar, agora como manifestação cultural, se dá justamente numa conjunção, unindo de uma só vez passado, presente e futuro, numa única experiência fundada na ilusão (FREUD, 1976/1908; WINNICOTT, 1967/1971). A ampliação dos objetos transicionais para o campo da cultura, no entanto, só se dá quando a área intermediária for preenchida pelo brincar criativo, expressão *princeps* do humano.

Se tudo correr bem, a área da ilusão de onipotência e a área transicional darão lugar à etapa do uso do objeto (WINNICOTT, 1968/1971), momento no qual se constitui o sentido da externalidade a partir do impulso destrutivo do bebê em relação ao objeto subjetivo que, na melhor das hipóteses, sobrevive e

não retalia. Neste caso acontece não apenas a criação do objeto externo, mas também a transformação do impulso destrutivo em capacidade de usar o objeto (DIAS, 2003) e a existência do fantasiar que, daí em diante, será o palco da destruição do objeto na fantasia, o que garante sua existência na realidade externa, permitindo que seja usado (WINNICOTT, 1968/1971, p. 130).

Nos trabalhos que se referem ao uso do objeto e que discutem, portanto, a criação do sentido de externalidade (WINNICOTT, 1963/2005, 1968/2005b, 1968/2005c, 1968/1971), Winnicott não menciona o papel da ilusão. Mas, em texto posterior, esta temática é retomada mostrando a enorme relevância desta questão no âmbito de sua teoria.

Se o lugar da ilusão no argumento winnicottiano se mostra central ao longo de todo o desenvolvimento emocional primitivo, assim como também na discussão sobre a construção da cultura, é, no entanto, em *“The place where we live”* (WINNICOTT, 1968/1971) que a questão é apresentada de forma ainda mais enfática. Ao voltar a afirmar que a separação é impossível, Winnicott se refere, então, ao lugar onde vivemos como aquele em que se dão a junção e a separação, o eu e o não-eu, o espaço da ilusão, portanto, como território do paradoxo criativo. A singularidade e a variabilidade das experiências pessoais e as vicissitudes da vida de cada um constituem a marca de origem deste espaço potencial onde a produção do símbolo de certa forma evita a separação... separando.

Estado ideal ou espaço potencial?

Inúmeras são as aproximações e as divergências teóricas entre as definições de ilusão apresentadas por Freud, Chasseguet-Smirgel e Winnicott.

Na discussão sobre o conceito de Ilusão Freud e Chasseguet-Smirgel não apenas compartilham de um mesmo referencial teórico, principalmente no que se refere à 2ª tópica freudiana, como também concordam em considerar o componente de realização de desejo como elemento central do universo da Ilusão. Suas contribuições, no entanto, diferem na medida não só em que argumentam de forma diferente como também no que se refere a seu objeto específico de análise.

Freud se dedicou a investigar o jogo de opostos entre o desejo de alcançar a plenitude narcísica, por um lado, e o desamparo, as pulsões e o princípio da realidade, por outro, presente no universo da Ilusão, do qual tanto a neurose quanto as produções culturais se originam.

Chasseguet-Smirgel por sua vez, se aprofundou na discussão sobre as consequências nefastas do desejo avassalador de alcançar um estado ideal de coisas numa abordagem em que parece prevalecer uma concepção do desejo que se sustenta sem oposição, o que redundará em consequências psíquicas devastadoras presentes na perversão, nos sistemas totalitários e nos grupos ideológicos com os quais nos deparamos atualmente no contexto da sociedade brasileira onde o fenômeno da realidade paralela ocupa lugar cada vez mais atuante.

Em Winnicott, por outro lado, ilusão não aponta para realização de desejo, como em Freud, nem se refere à busca de um estado ideal a ser alcançado, como em Chasseguet-Smirgel. Tampouco diz respeito à ordem pulsional ou serve de proteção contra o desamparo, mas se refere a um território intermediário entre a realidade pessoal e o mundo externo, que se constitui a partir de um paradoxo cujo valor reside em ser sustentado como tal *locus* por excelência da produção da cultura. Winnicott afirma a potencialidade criativa do espaço da ilusão, considerado o *locus* por excelência das experiências singulares.

A experiência satisfatória do espaço da ilusão como requisito para um psiquismo saudável (WINNICOTT, 1953/ 1971) é um *desideratum* que nem todos alcançam. Também a possibilidade de usufruir do paradoxo como ferramenta na construção de uma visão de mundo num contexto político-social onde a cisão e o negacionismo predominam nos parece um ideal longe de alcançar.

Tramitação

Recebido 02/10/2024

Aprovado 04/10/2024

Referências

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. Some thoughts on the ego ideal. A contribution to the study of the illness of ideality. *Psychoanalytic Quarterly*, 45(3), p. 345-373, 1976.

_____. (1971). *Creativity and perversion*. Nova York: Norton, 1984.

_____. (1975). *The ego ideal. A psychoanalytic essay on the malady of the ideal*. Nova York: Norton, 1985.

- CHASSEGUET-SMIRGEL, J.; GRUNBERGER, B. *Freud or Reich? Psychoanalysis and illusion*. Londres: Free Association Books, 1986.
- DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- EHRENBERG, A. *La Fatigue d'Être Soi*. Depression et Société. Paris: Éditions Odile Jacob, 1998.
- FREUD, S. (1908). *Escritores criativos e devaneio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 147-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).
- _____. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 85-119. (ESB, 14).
- _____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85. (ESB, 18).
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-179. (ESB, 18).
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-71. (ESB, 21).
- _____. (1933). Ansiedade e vida instintual. In: *Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 103-138. (ESB, 22).
- GARCIA, C. A. *Illusion and sexuality. A contribution to the study of the ego ideal*. Tese de Doutorado. The Wright Institute Graduate School of Psychology. Berkeley, EUA, 1988.
- _____. Ilusão e família: uma discussão sobre o ideal do ego. In: VILHENA, J. (Org.). *Escutando a família. Uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991. p. 69-80.
- GREENHALGH, L. *A psicologia do fanatismo: a realidade paralela*. 2023. Disponível em: <<https://www.zepataeivanir.com.br/a-psicologia-do-fanatismo-a-realidade-paralela-artigo-de-laura-greenhalgh/>>. Acesso em: 01 out. 2024.
- KEHL, R. *A psicanálise do ressentimento como sintoma social*. 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601385-a-psicanálise-do-ressentimento-como-sintoma-social-artigo-de-maria-rita-kehl>>. Acesso em: 01 out. 2024.
- MAAKAROUN, B. Castro Rocha: Brasil é laboratório de criação de realidade paralela. *Estado de Minas*, 10/11/2022.
- MITCHELL, J. Resenha de Creativity and perversion. *The International Journal of Psychoanalysis*, 68(1), p. 131-133, 1987.

- NEWMAN, A. *As ideias de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- RITTENBERG, S. (1987). Resenha de Creativity and perversion. *The International Review of Psychoanalysis*, 14, 130-132.
- ROCHA, J. C. de C. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.
- WINNICOTT, D. W. (1953). Transitional objects and transitional phenomena. In: *Playing and reality*. Londres: Tavistock, 1971. p. 1-25.
- _____. (1963). Um sonho de D.W.W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 178-179.
- _____. (1965). From dependence towards independence in the development of the individual. In: *The maturational processes and the facilitating environment*. Nova York: International Universities Press, 1965. p. 83-91.
- _____. (1967). The location of cultural experience. In: *Playing and reality*. Londres: Tavistock, 1971. p. 95-103.
- _____. (1968). The use of an object and relating through identifications. In: *Playing and Reality*. Londres: Tavistock, 1971. p. 86-94.
- _____. (1968). O uso da palavra uso. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2005b. p. 178-179.
- _____. (1968). Comentários sobre meu artigo "O uso de um objeto" (pp. 185-186). In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2005c. p. 178-179.
- _____. The place where we live. In: *Playing and Reality*. Londres: Tavistock Publications, 1971. p. 104-110.